

De São José dos Campos a Aparecida: as romarias do Bairro Cajuru

Ana Maria da Cunha Rosado¹ Lidiane Maria Maciel² Valéria Regina Zanetti³

From São José dos Campos to Aparecida: the romarias of Cajuru neighborhood

De São José dos Campos a Aparecida: las peregrinaciones del Bairro Cajuru

Resumo

O artigo apoia-se na abordagem do catolicismo rústico e se propõe a tratar as memórias das romarias e dos romeiros do bairro Cajuru, em São José dos Campos. Anualmente, os romeiros seguem, em outubro, rumo à cidade de Aparecida. Como forma de entender a ritualização da fé como instrumento de manutenção das tradições, pautou-se em fontes históricas e literárias, em memórias dos romeiros e na etnografia. A tradição das romarias em São José dos Campos tem fortes laços com a população rural, que foi impactada pelo processo de expansão urbana vivido pelo município a partir da década de 1960, quando as comunidades joseenses passaram a reinventar as tradições que afirmam redes de sociabilidades calcadas em memórias de antepassados. As romarias aparecem nesse contexto.

Palavras-chave: Romaria; Catolicismo rústico; Memória social; Representações sociais.

¹ Licenciada em História pela Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) e mestranda do Programa de Planejamento Urbano e Regional (PPLUR) da mesma universidade. E-mail: anam.rosado@ hotmail.com.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PPGPLUR) da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). E-mail: lidiane@univap.br.

³ Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PPGPLUR) da Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP). E-mail: vzanetti@univap.br.



Abstract

This article aims to discuss rustic Catholicism to approach the memories of pilgrimages (or romarias) and pilgrims (romeiros) of the Cajuru neighborhood, in São José dos Campos, Brazil. Every year, in October, they go to the city of Aparecida. The qualitative analysis was based on historical and literary sources, memories of the pilgrims and ethnography. The tradition of pilgrimages (or *romarias*) in São José dos Campos is linked to the rural population that was impacted by the process of urban expansion experienced by the municipality since the 1960s, which started to reinvent the traditions that affirm sociability networks between present communities and the memories of ancestors

Keywords: Pilgrimages; Rustic Catholicism; Collective memory; Social representations.

Resumen

Este artículo analiza el catolicismo rústico y propone tratar los recuerdos de peregrinaciones y de peregrinos del barrio de Cajuru, en São José dos Campos, Brasil. En octubre, los peregrinos viajan a la ciudad de Aparecida. Para entender la ritualización de la fe como un instrumento para mantener las tradiciones, el estudio se basó en fuentes históricas y literarias, en recuerdos de peregrinos y en etnografía. La tradición de las peregrinaciones tiene lazos con la población rural que fue impactada por el proceso de expansión urbana experimentado por el municipio desde la década de 1960, cuando las comunidades en São José dos Campos comenzaron a reinventar tradiciones que afirman las redes sociales basadas en recuerdos de antepasados.

Palabras claves: Peregrinación; Catolicismo rústico; Memoria social; Representaciones sociales.



Introdução

presente artigo aborda a memória das romarias e dos romeiros que partem da cidade de São José dos Campos (SP) rumo à cidade de Aparecida. Busca-se compreender a religiosidade como forma de manter viva a tradição "caipira", no contexto urbano da sede da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVPLN). Atualmente, São José dos Campos se apresenta como um vigoroso parque industrial (OLIVEIRA; GOMES, 2010). No entanto, seu passado rural foi sobreposto pelas constantes mudancas tecnológicas e pelo crescimento urbano desenfreado, a partir da segunda metade do século XX. Nesse momento, os bairros da cidade ganharam novos moradores, migrantes de diversas regiões do Brasil, especialmente de Minas Gerais, Rio de Janeiro e interior de São Paulo, o que favoreceu novas trocas culturais.

A Tabela 1 mostra a evolução da população do munícipio de São José dos Campos e revela que, a partir da década de 1960, a população urbana consolidou-se frente à rural. No entanto, as romarias e as festas religiosas mantiveram suas tradições seculares reinventadas. Conforme Hobsbawm e Ranger (1984, p. 10):

> Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.



Tabela 1 – Evolução da população de São José dos Campos (1940-2018).

Ano	Total	Urbana	Rural
1940	36.279	14.474	21.805
1950	44.804	26.600	18.204
1960	77.533	56.882	20.651
1970	148.332	132.482	15.850
1980	287.513	276.901	10.855
1991	442.370	425.515	16.855
2000	539.313	532.717	6.596
2010	629.921	615.022	14.899
2018	695.163	681.021	14.142

Fonte: Censos Demográficos - IBGE e Fundação SEADE.

O bairro Cajuru está localizado na zona leste de São José dos Campos e foi um dos únicos espaços da cidade a preservar, por meio de seus antigos moradores, práticas de catolicismo rústico. Essa forma de catolicismo, de alguma maneira, reivindica a continuidade com seu passado rural. De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiroz (1968), por catolicismo rústico se entende as expressões religiosas das comunidades rurais cujas festas coletivas, danças e rezas acontecem sem a participação de representantes oficiais da Igreja e com forte apelo ao culto de santos e padroeiros. Nessas comunidades, a religião adquire um estatuto de solidariedade grupal como forma de enfrentar as hostilidades da natureza.

> A religião rústica brasileira, tem, pois, um papel, antes de mais nada, social. Seu segundo atributo é ser utilitária. Com efeito, o culto dos santos, a festa, a novena, as orações têm por objetivo assegurar a boa vontade dos seres sobrenaturais é o do ut des: Dou para receber em troca. De onde a possibilidade tanto do santo se zangar com seus devotos, quanto dos devotos se zangarem com o santo, acarretando os dois casos represálias de parte a parte. (QUEIROZ, 1968, p. 119)



Na década de 1990, moradores bairro Cajuru iniciaram uma ação entre amigos e familiares com o objetivo de organizar romarias rumo a Aparecida. A finalidade era reconstruir práticas culturais em declínio. Dessa forma, diferentemente de outras romarias, que seguem para Aparecida de ônibus, a romaria do Cajuru foi pensada para acontecer anualmente, entre os meses de julho e agosto, a cavalo. Esses romeiros, com seus hábitos, orações, vestimentas e modo peculiar de deslocamento, partilham de histórias familiares das romarias, características que remontam aos antigos tropeiros, que viajavam pela região ainda no período da Colônia (ALMEIDA, 1971).

Na romaria, a memória dos participantes é compartilhada, quando não coproduzida. Dessa maneira, para estudá-la, é necessário esclarecer as diferenças entre memória e história. Jacques Le Goff (1990, p. 50), em seu livro História e memória, salienta que "o passado não é a história, mas o seu objeto, assim como a memória não é a história, mas um dos seus objetos". A memória, para Le Goff, é uma dimensão essencial que sutura a identidade individual ou coletiva. A memória social é, ao mesmo tempo, um instrumento e um objeto de poder, que permite compreender a manutenção da lembrança e, sobretudo, a força da tradição (LE GOFF, 1990, p. 476).

Le Goff nos apresenta o grande desafio da relação entre o passado e a memória para a escrita da história. Em relação à memória, é possível dizer que o que sobrevive do passado chega até nós por meio das escolhas feitas, as quais "operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, por aqueles que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa [...], ou seja, os historiadores" (LE GOFF, 1990, p. 535).

A memória se prende a um espaço-tempo, a um passado que não existe mais. Ela é construída a partir da vivência no presente e sobrevive porque são intensos os trabalhos de construção e reconstrução das lembranças e das recordações passadas, acionadas pela seletiva disposição do presente.



Maria Ester de S. R. Sartori (2018, s. p.) enfatiza que:

A memória presume uma temporalidade que tem como síntese a história vivida. A história vivida para alguns fica no arquivo, no registro oficial e no fato em si, para outros na lembrança, registrada em papel, fotografias, sentimentos, cartas, diários pessoais, registros de viagem, enfim, de muitas formas que as mantêm conservadas aguardando para ser relembradas.

Como ressaltou Le Goff (1990), a memória é um instrumento de identidade e de conservação sociocultural. Para conhecer o campo da memória, "é necessário depurá-la de uma série de traços que lhes são vulgarmente atribuídos, para abrir caminho ao crivo da História" (MENESES, 1992, p. 10). A história é sempre a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais; é uma reconstrução do passado, operação intelectual que demanda análise crítica (NORA, 1993).

As memórias produzem narrativas que, por sua vez, são carregadas de identidade e de construções coletivas. Nesse sentido, o estudo dessas narrativas, por meio da história oral, permite "a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências" (THOMPSON, 2002, p. 9).

Para os que criticam a subjetividade dos depoimentos orais e questionam a validade dessa fonte para a escrita da história, Michel Pollak (1992, p. 211) reforça que justamente na subjetividade das fontes se percebe a pluralidade histórica:

> Se nos proporcionarmos os meios e as condições para construir cientificamente, com todas as técnicas das quais dispomos hoje em dia, temos condições de produzir um discurso realmente sensível à pluralidade das realidades. Temos uma possibilidade, não de objetividade, mas de objetivação, que leva em conta a pluralidade das realidades e dos atos.



Dessa maneira, esclarece-se que o presente estudo qualitativo utilizou fontes orais e documentos primários cedidos pela Cúria Metropolitana de Aparecida. A pesquisa também se valeu de vídeos e fotografias de acervo das famílias dos romeiros, de etnografia produzida pelas autora em 2018 sobre a romaria realizada pelo grupo Amigos do Cajuru, bem como de entrevista realizada com o organizador dessa romaria, inspirada na argumentação de Sidney Mintiz (1984), que considera a importância e o valor das histórias de vida para a composição do saber científico. Recupera-se a história de vida do Sr. José Pinto da Cunha Filho como fizera Mintiz com seu interlocutor privilegiado.

> Taso não é, a meu ver (e nem ao seu próprio, acredito), representativo de Porto Rico, de trabalhadores, ou mesmo da classe trabalhadora rural de Pano Rico – se o que "representatividade" significa é "média". Taso se destaca de seus semelhantes por sua inteligência e articulação extraordinárias. Contudo, eu insistiria em que Taso é representativo de seu tempo, de seu lugar e de seu povo, precisamente porque sua narrativa pessoal, enriquecida por sua perspicácia incomum, incorpora a experiência de uma comunidade de uma região e um país, sendo que cada uma delas em níveis de realidade e de abstração algo diferentes. (MINTZ, 1984, p. 55)

Para tanto, além dessa introdução e uma conclusão, o artigo está dividido em guatro seções. A primeira reconstrói a historicidade de Aparecida, hoje nomeada Capital da Fé. Na segunda seção, apresenta-se a tradição religiosa no Vale do Paraíba, destacando-se a contribuição dos tropeiros dos séculos XVIII e XIX, que ajudaram na dispersão da fé a Aparecida, por meio das romarias; neste momento, também se tratou do conceito de catolicismo rústico. Na terceira parte, atenta-se ao município de São José dos Campos e aos resquícios de ruralidade presentes para, por fim, na quarta parte, dedicar-se ao estudo da prática da romaria do bairro Cajuru, que segue a tradição do deslocamento a cavalo, como faziam os tropeiros dos primeiros tempos que se deslocavam para Aparecida.



Um sobrevoo sobre a história de Aparecida, capital da fé

A cidade de Aparecida, localizada na Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, é movimentada anualmente pelos fiéis de Nossa Senhora Aparecida. No século XVIII, no ano de 1717, três pescadores encontraram, no rio Paraíba do Sul, uma santa guebrada. A santa "aparecida" do rio foi relacionada a uma seguência de milagres. O principal está vinculado ao aumento de peixes presos à rede dos pescadores que resgataram fragmentos da imagem do fundo do rio. Colada e recolhida à casa de uma senhora, a imagem foi associada a velas que se acendiam e se apagavam sem explicação lógica (ALVA-REZ, 2017). Suspeita-se que a imagem foi feita para atender a um oratório de Nossa Senhora da Conceição. Não se sabe, ao certo, como ela acabou no fundo do rio, uma vez que muitas são as versões do acontecimento.

A imagem de "Nossa Senhora Aparecida", feita em barro queimado paulista, tem 36 cm de altura e pesa 2,50 kg. No Vale do Paraíba, essas imagens são chamadas de paulistinhas. Presentes no vale desde o século XVIII, normalmente as paulistinhas possuem entre 15 e 20 cm e carregam traços físicos do homem do interior. O artesão, ao concebê-las, se distanciava da moldura eurocentrada. Modestas e feitas em tons sóbrios, elas variavam de características de acordo com a região onde eram esculpidas. No caso da imagem nomeada de "Nossa Senhora Aparecida", não se sabe quem foi o artista por trás da criação, no entanto, o fato é que a imagem se tornou centro de devoções e peregrinações desde o século XVIII até os dias atuais (VIEIRA, 2009).

Segundo documentos da Arquidiocese de Aparecida, no ano de 1745 a imagem foi levada pelo padre de Guaratinguetá para a capela recém-criada em homenagem à santa, próxima ao lugar onde foi encontrada. A capela atraiu mais devotos que a Igreja Matriz de Guaratinguetá, o que levou à intervenção da Igreja Católica, que questionou como poderia uma capelinha feita à mão, na beira do rio, atrair mais fiéis que a igreja do município. Naquela ocasião,



um padre veio diretamente de Roma para validar os milagres da santa, tamanho era o culto popular. A santa foi reconhecida e a Igreja Católica local passou a agregá-la às suas tradições e ritos de devoção.

Muitos dos milagres da santa ganharam espaço na tradição oral e, por vezes, se confundiam com as lendas e contos regionais, como o caso do cavaleiro que via as patas do cavalo presas à escadaria da igreja, ao tentar zombar da fé dos romeiros, como descrito no livro de Sônia Gabriel (2006), Mistérios do Vale. O tráfego de tropeiros rumo a Minas Gerais era intenso na região e propiciou, por meio da oralidade, a transmissão dos relatos sobre os milagres da Santa Aparecida.

Dada a intensa movimentação em torno da santa, foi criado o distrito de Aparecida pela Lei Provincial nº 19, de 04 de março de 1842, subordinado ao município de Guaratinguetá. Décadas depois, foi elevado à categoria de município, com a denominação de Aparecida, pela Lei Estadual nº 2.312, de 17 de dezembro de 1928, e então desmembrado de Guaratinguetá, como consta em informações institucionais (IBGE, 2019).

Os documentos da Cúria de Aparecida revelam que o aumento no número de romarias coincidiu com a construção da ferrovia Estrada de Ferro do Norte, que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro (1877), e fez com que o novo município fosse batizado popularmente pelos fiéis como "Aparecida do Norte".

Com o sucesso das romarias em direção à capela de Aparecida, erguida em 1888, houve a necessidade da construção de uma igreja maior para homenagear a santa. A obra da nova igreja, considerada o maior santuário dedicado a Maria no mundo, foi iniciada em 11 de novembro de 1955 e passou, desde então, por constantes reparos que não foram, ainda, finalizados. Em 1930, por meio de decreto do Papa Pio XI, a imagem passou a ser proclamada Padroeira do Brasil, e, em 1980, pela lei nº 6.802, o dia 12 de outubro se tornou feriado nacional em homenagem à santa.



Do tropeiro ao romeiro: a circulação comercial e religiosa no Vale do Paraíba

O Vale do Paraíba consolidou-se em função da circulação de população e de mercadorias em diferentes fases econômicas no Estado de São Paulo (CANO, 2007). Os tropeiros, por exemplo, acumulavam múltiplas funções e constantemente realizavam passagens e paradas na região do Vale do Paraíba, em direção ao Rio de Janeiro e a Minas Gerais.

No século XVIII, os tropeiros, que costumavam percorrer grandes distâncias em lombo de mulas (ALMEIDA, 1971), abriram caminhos pelo interior, levando produtos e ligando as cidades litorâneas e "urbanas". Para compreender o papel do tropeiro no Vale do Paraíba, é preciso compreender o bandeirante, personagem que "dá origem" ao tropeiro. Conforme Carvalho Franco (1940), os bandeirantes, ainda na época do Brasil Colônia (1530-1822), exploraram o interior do estado de São Paulo, e a porção de terra denominada Paulistânia desdobrou uma variedade cultural do tronco português, que pode ser chamada de "cultura Caipira" (CANDIDO, 1964, p. 35).

Algumas características marcaram a representação construída para o homem do campo, como: a "preguiça"; a "submissão" a uma força superior, seja o governo ou a religião; a forma rústica e simples de viver; a imagem do homem bruto; e até aspectos da religiosidade como o temor aos castigos de Deus (CAN-DIDO, 1964). Com o tempo, os bandeirantes, com ambição nas minas de ouro, se fixaram para dar início à exploração e sua figura passou a ser "substituída" pelo tropeiro, que assumiu, ainda nos tempos da Colônia, as suas funções.

Devido aos longos caminhos e às dificuldades do trajeto realizado pelos tropeiros, era necessária, portanto, a realização de pausas para o descanso de homens e de animais, usados no transporte dos produtos. Assim surgiram os ranchos⁴, construídos para servir de pouso para a tropa no final de cada dia

⁴ A estrutura do rancho era, por toda parte, a mesma: barração sustentado por pilares, aberto dos lados, simples teto para as mulas e seus condutores. Apresentavam apenas variações de solidez, tamanho e limpeza, e eram, de ordinário, dependentes das vendas (FRANCO, 1969, p. 67).



de jornada. Por vezes, os próprios fazendeiros construíam os ranchos para o descanso dos tropeiros que levavam seus produtos e os abasteciam. Os ranchos marcaram a formação das vilas (VIDAL, 2016).

Nesses pousos, os tropeiros espalhavam o que ouviam, de uma região para outra, incentivando as "crendices" populares e mantendo firme a adoração aos santos. Aluísio de Almeida, em sua obra Vida e morte do tropeiro, cita a adoração dos tropeiros à imagem de Nossa Senhora Aparecida: "e muito tropeiro, beijando a fita que descia da imagem piedosíssima, lembrava-se do mau pedaço de que se livrara com invocar de coração e de boca a Rainha do Céu" (ALMEIDA, 1971, p. 70). O tropeiro, ao longo de suas viagens, aproximava-se de Deus com suas orações, ao enfrentar as adversidades e "interpretar" a natureza a sua volta.

A formação de vilas e cidades teve influência do fluxo mercantil provocado pelos tropeiros. As famílias passaram a se fixar no interior, ao passo que se consolidavam tanto as vendas em torno das fazendas quanto as paragens dos tropeiros. Maria Isaura de Queiroz (1968) ressalta que o isolamento dessas famílias era interrompido pelas missas e festas religiosas. Assim como o tropeiro, o homem do campo foi descrito na sua simplicidade, uma figura rústica com forte apreço pela natureza. Antonio Candido, em *Parceiros do Rio* Bonito, ressalta o apego do homem do campo à natureza. Dizia o ensaísta que: "uma árvore com sombra era o bastante para um homem morar" (CANDIDO, 1964, p. 84). No campo, os ciclos da natureza demarcam o tempo e a devoção, muitas vezes, voltada à natureza, devido à principal atividade exercida, a agricultura. Nos pedidos de boas colheitas, a devoção aos padroeiros locais era exaltada, sendo as festas que celebravam a fartura das lavouras marcadamente de cunho religioso.

Antonio Candido (1964) define a religiosidade do homem do campo, especialmente do caipira, como fator de sociabilidade, visto que, nos eventos religiosos, os moradores de vários "cantos" se reuniam nas capelas e igrejas ao



longo do ano, para festejar os eventos religiosos, como o dia de São João ou dos padroeiros locais.

No catolicismo rústico, as benzedeiras surgiram, no interior das comunidades rurais, como conhecedoras de saberes populares, cuja medicina alternativa se utilizava de plantas de todos os tipos e de orações de cura. Geralmente chamadas para benzer as crianças contra o "mal olhado" ou "quebranto" (inveja), elas protegiam e curavam, com suas orações, as pessoas e os ambientes rurais (CALDEIRA, 1934; GABRIEL, 2006). Maria Isaura Pereira Oueiroz descreve o catolicismo rústico, diferenciado do convencional pela pouca presença de sacerdotes no Brasil. Os povoamentos dispersos pelo interior dificultavam o deslocamento e a presença de padres e outros religiosos. Desse modo, "a extensão a percorrer é de tal ordem que a maioria das localidades recebe a visita do vigário uma vez por ano" (QUEIROZ, 1968, p. 105).

Para Queiroz a devoção dos fiéis aos santos está comumente associada a questões ambientais como grandes secas, chuvas fortes, mudanças extremas de temperatura e outros eventos. A devoção movimentada pelas romarias⁵ é produto de manifestação de agradecimento ou de penitência, que exige a interseção de um santo. No Vale do Paraíba, em especial, a devoção a Nossa Senhora Aparecida é a de maior peso. Pessoas de diferentes estratos sociais partem até hoje de diversas localidades do país rumo à cidade de Aparecida, em romaria. À medida que os relatos sobre os milagres se espalham, os devotos creem veementemente que seus pedidos serão atendidos por meio de esforços significativos, como andar longos percursos até a igreja.

No século XX, a construção da Rodovia Presidente Dutra foi um importante evento que estimulou o crescimento da peregrinação rumo a Aparecida. Inaugurada em 19 de janeiro de 1951, a estrada foi construída para melhorar a ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro, trajeto que já existia desde 1928,

⁵ O termo romaria é derivado das peregrinações de católicos romanos, no século XIII, rumo a Roma. Uma romaria é, portanto, uma peregrinação a um lugar sagrado para a fé, dentro do catolicismo (STEIL, 2003).



porém conhecido como estrada velha. Hoje, ela é a principal ligação entre as duas capitais (ANDRADE, SOUZA; GOMES, 2019). Rota para os peregrinos, que aos milhares percorrem seus acostamentos, a rodovia é a forma mais rápida de chegar à cidade e de acessar um caminho mais "seguro" para a devoção.

Os romeiros do século XXI ainda carregam a influência do catolicismo rústico e a fé inabalável em Nossa Senhora Aparecida. A Cúria Metropolitana de Aparecida não computa o fenômeno das romarias rumo à Basílica de maneira precisa, no entanto, elas são conhecidas e esperadas, como relata o Padre João Batista, reitor do Santuário:

O ideal é que as pessoas facam uma preparação espiritual em sua comunidade, em sua casa e durante a viagem, que vá além um clima de fraternidade e confraternização, mas seja um momento de espiritualidade, para que as pessoas possam rezar. Chegando no Santuário, é importante também escolher uma celebração onde todos estejam presentes, para viverem o verdadeiro sentido do peregrinar, que é essa experiência maior de Deus e de fé. (VIEIRA, 2018, s. p.)

Os meses de maio e outubro são os preferidos pelos romeiros. O primeiro, por celebrar o dia das mães, e o segundo, por se relacionar ao feriado nacional da data comemorativa da padroeira. As romarias são de diversos tipos: nas cidades de todo Brasil, elas se organizam via agentes de excursão ou de turismo formal e informal; mas também são organizadas por meio de grupos de caminhantes, motociclistas, ciclistas e a cavalo. Incluídas no calendário de celebração da Basílica, as romarias são referenciadas e ressaltadas no momento da missa.

Em 2003, foi inaugurado o Caminho da Fé, inspirado em Santiago de Compostela, na Espanha, criado por romeiros de Águas da Prata, Aguaí, Caconde, Centro Paulista, Dom Inácio João dal Monte, Franca, Mococa, Padre Donizetti,

⁶ As rotas alternativas dividem opiniões por serem mais extensas e não possuírem segurança. Há relatos de assaltos, no entanto, na Rodovia Presidente Dutra. Além do risco de assaltos, há, sobretudo, risco de atropelamento. Apesar desses fatos, a maior presença de policiais dá aos romeiros certa sensação de segurança.



Ribeirão Preto, São Carlos Borromeu, Santa Rita de Caldas, Santa Luzia e Tambaú, conforme informações do portal virtual Caminhos da Fé. Desde 2003, as prefeituras das cidades cortadas pelo caminho⁷ fazem contribuições à associação, a fim de incentivar o turismo religioso.

A Imagem 1 apresenta as representações simbólicas das cidades relacionadas ao caminho, aberto a novas inclusões, dependendo do interesse do turismo local. Além da fé religiosa em Nossa Senhora Aparecida, as motivações incluem a busca por resolução de problemas conjugais, a fuga das drogas, o cumprimento de promessas, pedidos de graças e "aventuras". O número de peregrinos é crescente, chegando a cerca de 7.000 em 2017 (GRINGS, 2017).



Imagem 1 – Caminho da fé.

Fonte: Portal Caminho da fé (2018).

Em São José dos Campos, cidade a 82 quilômetros de Aparecida, duas são as principais romarias: uma organizada por moradores da Zona Norte; e a outra, por moradores do bairro Cajuru, na Zona Leste, conforme levantamento de nossa pesquisa. Este artigo se dedica, especialmente, a contar as memórias de

⁷ Conforme informações do site Caminho da fé, "foi inaugurado em 11.02.2003, na cidade de Águas da Prata/SP. Dando continuidade, seu traçado poderá sempre ser alterado, visando agregar outras cidades. Atualmente em 2016 a Rota é composta por cerca de 970 km, dos quais aproximadamente 500 km atravessam a Serra da Mantiqueira por estradas vicinais, trilhas, bosques e asfalto, proporcionando momentos de reflexão e fé, saúde física e psicológica e integração do homem com a natureza. Seguindo sempre as setas amarelas, o peregrino vai reforçando sua fé observando a natureza privilegiada, superando as dificuldades do Caminho que é a síntese da própria vida".



romeiros do bairro Cajuru, especialmente referenciadas na fala de José Pinto da Cunha Filho, organizador da romaria dos Amigos do Cajuru.

Resquícios da vida rural e do catolicismo rústico em São José do Campos

Apesar de o município de São José dos Campos ser hoje majoritariamente centrado nas atividades urbanas, com taxa de 97,97% de urbanização, sua zona rural representa dois terços da área do município, concentrando cerca de 14.142 habitantes (Tabela 1). Segundo o que consta no Plano de Desenvolvimento Sustentável da cidade de São José dos Campos, ainda no início do século XXI, na área rural do município:

> predominam propriedades cuja agricultura é realizada de forma tradicional, denominada agricultura extensiva, que consistem em pequenas propriedades de subsistência, nas quais a mão-de-obra geralmente é familiar, não utilizam tecnologias, não são empregadas técnicas modernas de cultivo. [...] e eram produzidos, até 2012, em São José dos Campos: pastagem, eucalipto, milho, mandioca, feijão, cana-de-acúcar, arroz, pinus, banana, flores, laranja, limão, tangerina, alface, brócolis, sorgo, mandioquinha, couve, café, aveia, caqui e araucária. As culturas mais significativas em produção são a pastagem e o eucalipto. (PMSJC - PLANO DE DESENVOLVI-MENTO SUSTENTÁVEL, 2016, p. 69)

Próximos dessas áreas rurais, se concentram loteamentos, muitos dos quais irregulares, conforme atestou o diagnóstico da revisão do Plano Diretor de 2018 e a pesquisa de campo. Observou-se que seus moradores preservam práticas e uma organização típica de bairro rural. O terreno familiar comporta, além da casa, hortas, árvores frutíferas, chiqueiro de porcos e galinhas soltas pelo quintal.

Nesses bairros há, por exemplo, referências diretas ao catolicismo rústico, por meio das festas religiosas e das romarias realizadas a cavalo. Em São José dos



Campos, ainda se listam as festas de São Gonçalo e a festa do Carpição (em homenagem a Nossa Senhora da Carpição e a Nossa Senhora do Bom Sucesso), as folias de reis, as cavalgadas relacionadas às romarias, a cavalaria de São Benedito, a Catira, o Moçambique, a dança de São Gonçalo, o Jongo.

No distrito de Eugênio de Melo, mesmo estando no perímetro urbano, na zona leste da cidade, há referências às histórias dos tropeiros que por ali passavam. Eles tinham por hábito descansar à sombra do Jequitibá, que divisa o distrito da cidade de Caçapava. As memórias resguardam a relação do homem com a natureza, a simplicidade da vida, a figura das benzedeiras e as festas religiosas.

Muitos moradores do distrito nasceram ou cresceram nas antigas fazendas afastadas da cidade, como as fazendas Boa Vista, Serrote, Bom Sucesso, Eugênio de Melo e Sinimbura, onde hoje se localizam bairros que levam o mesmo nome. Tais fazendas pertenciam, em grande parte, a ricas famílias dedicadas à produção de café e à criação de gado. No final do século XIX, o distrito foi um importante ponto de passagem da exportação do café. Em 1877, foi inaugurada a Estação Ferroviária, sendo o distrito chamado de Nossa Senhora dos Cafezais. É justamente ao lado do distrito de Eugênio de Mello que se localiza o bairro Cajuru, de onde parte a romaria que passaremos a analisar.

As romarias do bairro Cajuru em São José dos Campos

O bairro Cajuru se localiza na zona leste da cidade de São José dos Campos. A região, historicamente, concentrou grandes fazendas e, hoje, ainda valoriza a presença de sítios e chácaras, que fazem divisa com importantes bairros do município, sendo que um deles aloja a refinaria da Petrobrás. Além de estar próximo a empresas de gás e de extensas áreas de sítios e chácaras, o bairro, segundo dados do Censo Demográfico (2010), possui população estimada em 1.767 habitantes, distribuída em 513 domicílios.



Imagem 2 - Bairro Cajuru, São José dos Campos/SP.

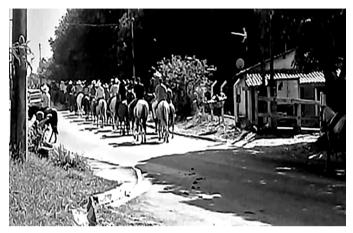
Fonte: Rosado (2018).

Ao andar pelo bairro, é possível encontrar uma paisagem tomada por pastos e por casas distantes umas das outras. Observa-se uma igrejinha azul, que se projeta de forma discreta, com espaço para as festas tradicionais, como a festa do Divino e festas juninas. O bairro é composto de casas térreas de alvenaria, sem muitos adornos e acabamentos. Poucos são os sobrados de, no máximo, um andar. Seguindo por uma estrada estreita de terra (Imagem 2), depara-se com sítios e casas mais afastadas umas das outras, delimitadas por cercas.

No Cajuru, um restaurante que possui o slogan "Almoce na roça sem sair da cidade" atrai moradores de outros bairros da zona leste, por servir comida caipira feita no fogão a lenha. Observa-se que o restaurante está sempre lotado em datas festivas como dia das mães, dia dos pais e festas religiosas. Ressalta-se sua particularidade rural em meio à urbanidade de São José dos Campos. O bairro Cajuru é ainda conhecido por ter uma saída na Rodovia dos Tamoios, que corta a fazenda do Serrote e termina na estrada do Cajuru, com acesso ao bairro de mesmo nome. Os traços da religião católica nesse bairro são fortes. O bairro conta com uma igreja movimentada pelas festas anuais do padroeiro, festa junina e a festa do Divino. Esta última reúne um grupo de cavaleiros, que leva o mastro do Divino em procissão até a igreja (Imagem 3).



Imagem 3 – A festa do Divino do bairro Cajuru, São José dos Campos/SP.



Fonte: Rosado (2018).

Nota-se ainda que, do bairro Cajuru, se visualizam algumas fazendas com cabeças de gado, sítios com criações de animais e pequenas hortas e pomares. O próprio bairro é composto por chácaras de convívio familiar. Observa-se que muitas delas dividem o espaço entre seus membros, formando pequenas vilas como a que se localiza em frente à Travessa José Pinto da Cunha. Ao lado dessa vila, formada por seis casas, localiza-se um sítio que já serviu de ponto de partida para as romarias locais, onde hoje vive uma família que tem criação de galinhas e uma pequena horta.

Na Travessa José Pinto da Cunha – subida que termina em uma das seis chácaras localizadas ao lado esquerdo da travessa, de casinhas simples e com os "fundos" caindo diretamente na primeira rua do bairro Campos de São José – se avista a fazenda do Serrote, na qual há um extenso pasto de um sítio composto de três casinhas. É nessa travessa que se localiza a chácara de José Pinto da Cunha Filho8.

⁸ Neste artigo, o nome de nosso interlocutor não é fictício, pois as autoras do artigo receberam sua autorização para utilizar seu nome. São respeitados todos os aspectos éticos autorizados pelo Comitê de Ética Universitário no processo disponível na Plataforma Brasil.



Nascido em 1942, em São José dos Campos, José Pinto da Cunha é casado com Maria Aparecida Melo da Cunha, com guem teve guatro filhos – três mulheres e um homem. Deste núcleo familiar, foram gerados cinco netos e três bisnetos. Sua trajetória de vida inclui estadas em outras cidades do Vale do Paraíba, como Jambeiro e Paraibuna.

O sr. José Pinto da Cunha Filho não concluiu os estudos, por ter tido que deixar a escola para ajudar o pai na fazenda; ajudar na "lida" com os animais e com a plantação era uma necessidade. Sobre a relação com o pai, são inúmeras as memórias das idas e vindas entre as fazendas da região e a cidade na companhia dele. Essa situação se alterou com o casamento e a constituição de um novo núcleo familiar.

Quando se casou com Maria Aparecida, o sr. José foi trabalhar na fazenda Serrote, em São José dos Campos, e dedicou-se aos cuidados com gado. Na década de 1980, a família já era composta por filhos crescidos em idade escolar e, considerando a importância do "estudo", ele se sentiu pressionado a buscar melhor qualidade de vida para os filhos. O deslocamento das crianças da fazenda até a cidade para estudar era demasiadamente cansativo e inviável para elas. Dessa forma, acabaram se mudando para a Vila Industrial, em São José dos Campos. Nessa época, o sr. José se empregou em um açougue e, posteriormente, na prefeitura municipal da cidade. Lá permaneceu até o início da década de 2000, quando se aposentou e passou a se dedicar exclusivamente à chácara que possui e às romarias em agradecimento a Nossa Senhora Aparecida.

Toda a família do sr. José é católica e devota da santa. Ele visita a cidade de Aparecida desde muito novo e diz participar das festas religiosas e acompanhar os terços e missas de Aparecida regularmente pela televisão. O romeiro tem orgulho de enfatizar que lê a Bíblia todos os dias e que tem muita disposição para participar da organização da romaria a cavalo para Aparecida.



É da Travessa da Chácara de José Pinto da Cunha Filho que sai a romaria com destino a Aparecida todos os anos, nos meses de julho e agosto. Na romaria dos Amigos do Cajuru, que segue no estilo da tropeirada, em referência aos tropeiros do século XVIII e XIX, as performances no trajeto se vinculam à fé, fortalecida de causos, contos, contemplação da natureza e apego à imagem da santa. Para manter viva a cultura em torno das romarias rumo a Aparecida, as memórias familiares contadas no Cajuru são recontadas por gerações. Elas surgem como instrumento de estudo da sociedade e de sua compreensão, sendo "um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento" (BOSI, 1994, p. 39), estímulo necessário para orientação do futuro.

Como bem observou Ecléia Bosi (1994), os membros mais velhos da família são sujeitos privilegiados por salvaguardar memórias dos processos vividos. As memórias dos idosos servem como direção na socialização das crianças, alimentadas pelas palavras, costumes, tradições e hábitos passados pelos mais velhos. A religiosidade é o elo da coesão familiar, sendo a romaria do bairro Cajuru, em São José dos Campos, expressão máxima do sentido da comunidade

Todos os anos, entre os meses de julho e agosto, há mais de 20 anos, um tradicional grupo de romeiros se desloca a cavalo em direção à cidade de Aparecida. Saem da zona leste da cidade e seguem rotas menos movimentadas entre a Estrada Velha Rio-São Paulo (caminho parecido com o da Via Dutra), atravessando fazendas e trechos de zonas urbanizadas das cidades limites. para chegar à Basílica de Aparecida.

Os preparativos iniciam-se bem antes de julho. Para isso, é necessário realizar a chamada no bairro, conversar com os amigos, verificar a disponibilidade de quem participou no ano anterior e a condição dos cavalos, entrar em contato com os lugares que oferecem pouso, decidir quem alugará e conduzirá o carro (com caçamba) que acompanhará a cavalgada até Aparecida. O carro de apoio é muito importante, pois é ele que socorre o romeiro e os animais que



se acidentam e dá segurança na travessia. Os romeiros geralmente saem pela manhã, no sábado, e chegam a Aparecida no domingo, antes das 14 horas.

O trajeto inclui os municípios de Caçapava, Tremembé, Taubaté, Pindamonhangaba e Roseira, majoritariamente por caminhos da zona rural. Os proprietários das fazendas por onde passa a romaria do sr. José Pinto da Cunha Filho já estão habituados com a presença de romeiros. Alguns donos de fazenda abriram espaços para os romeiros descansarem e tratarem dos animais. Esses espaços são equipados com camas e lugares para estender redes, bem como churrasqueira e cozinha, caso queiram preparar os alimentos que trazem. A Imagem 4 mostra o trajeto seguido pelos romeiros, sempre às margens da Rodovia Presidente Dutra, na zona rural.

16 h 56 min

Imagem 4 – Trajeto da romaria: da Avenida José Pinto da Cunha a Aparecida.

Fonte: Google Maps (2020).

Na romaria há três momentos importantes: a saída do bairro Cajuru, em São José dos Campos; a primeira parada, em Pindamonhangaba; e a chegada a Aparecida. No pouso, os romeiros montam camas improvisadas no chão ou sacos de dormir, em lugares que oferecem apoio aos romeiros. As Imagens 5 e 6, fotografias do acervo pessoal do sr. José Pinto da Cunha Filho, mostram os momentos de saída da romaria após o pouso e a chegada a Aparecida. Elas são representativas de diferentes períodos das romarias e foram cedidas du-



rante a entrevista realizada em 2018. Na ocasião, o entrevistado, ao selecionar as fotografias, valorizou a diversidade temporal, indicando diferentes datas da romaria, em especial 2010 e 2018. Ele enfatizou, na sua fala, a permanência de objetos que remetiam à influência da "tropeiragem" e os momentos de sociabilidade durante o trajeto, sendo o registro fotográfico um deles.



Imagem 5 - Saída do pouso para a romaria, Caçapava/SP.

Fonte: Acervo pessoal de Cunha Filho (2018).



Imagem 6 - A chegada a Aparecida/SP.

Fonte: Acervo Pessoal de Cunha Filho (2010).



A romaria dos Amigos do Cajuru é realizada por diferentes gerações das famílias que acompanham o organizador: são filhos, pais e neto, primos ou vizinhos. A faixa etária é bem diversa e compreende desde meninos ainda na pré-adolescência a senhores, como o organizador, com mais de setenta anos. Ela é predominantemente masculina, pois não há presença ou espaço para as mulheres, cuja participação se restringe ao apoio que antecede a saída do bairro. São elas as responsáveis, por exemplo, por organizarem lanches para os homens levarem na travessia e pela acolhida na chegada. Durante o percurso, as mulheres rezam para que seus maridos e filhos cheguem em segurança a Aparecida.

Maria Aparecida Melo da Cunha, esposa do organizador da romaria do Cajuru, relatou, em entrevista informal, que pede para o marido ligar na hora do almoço e do jantar, quando pousam. Além disso, a esposa do romeiro conta com familiares que acompanham o marido para dar notícias sobre seu estado de saúde. No entanto, a performance da masculinidade, expressa pela força e resistência ao longo percurso, é dramatizada (GOFFMAN, 1975) na romaria, pois não se pode "arriar" a devoção à santa. Esta deve ser maior que a exaustão, pois deve ser uma prova da fé. Questionado se havia diferença de chegar a Aparecida a cavalo ou de carro, o sr. José assim se manifestou:

> Ah é, a emoção é outra quando chega lá. Não é fácil não, não é fácil não. Tem gente que sai daqui que chega em Eugênio de Melo e já vorta (sic), também não guenta (sic), o cavalo não guenta. Eu monto aqui, eu desço em Pinda, duas, duas e pouco eu desco em Pinda; aí que eu ponho o pé no chão, vou lá no banheiro faço xixi, eles almoçam, eu não almoço, bebo uma água lá, uma água gelada, dou uma lavada na cara, no rosto, no braço; fico uns quarenta minutos, monta de novo, desço sete, sete e meia no pouso. Noutro dia, monta a cavalo, sete horas chega lá. As vezes tem gente cansada, cavalo mancando, seguramo um pouco né. A gente chega lá, sai dali as sete horas, chega lá onze, onze e pouco; entre onze e meio



dia é o horário que a gente sempre chega. É mais quatro horas sem parar, fico tudo moído, e eu chego com saúde, graças a Deus, não dói nada, nada, nada; chego aqui mesma coisa que nada, você vê né? Não dói nada, não sinto nada. (CUNHA FILHO, 2018, p. 1)

A resistência e o apreço pelo cavalo na romaria remetem José Pinto da Cunha Filho e outros romeiros ao passado rústico dos antigos tropeiros, lembranças presentes na memória dos participantes da romaria, histórias contadas pelas gerações anteriores, sobre a circulação romeira no Vale do Paraíba e cercanias.

O percurso segue para o destino por dois dias. Pouso, só no período da noite, quando se reúnem com os outros romeiros, amigos de longa data. O objetivo maior da realização da romaria é o agradecimento à santa, conforme relatou o organizador, quando indagado sobre o motivo que o levou às romarias: "ah, é uma maneira de agradecer à santa né? que ela é perto, aqui é a gente tá (sic) sempre falando com ela, nas orações, e não é só falar tem que ir e agradecer" (CUNHA, FILHO, 2018, p. 2).

A solidariedade e a "camaradagem" entre os romeiros são aspectos fundamentais na travessia. De acordo com Cunha Filho, são raros os momentos de conflitos. Quando eles ocorrem, são derivados de pessoas fora do círculo habitual de romeiros:

> Vai o pai junto com o filho, ano que vem vai o filho, não vai o pai, então é. A convivência é a mesma, não tem confusão, não tem briga não; só ano trasado (sic) que roubaram um celular lá. Foi um rapaz que nunca tinha ido com nois (sic)

> O concunhado dele ia sempre, que é o filho do Dinho, aí o Dinho emprestou um cavalo e ele foi, porque era concunhado do filho do Dinho e ele roubou um celular. Roubou um celular, depois descobriram que era ele e tar (sic) coisa, jogou o celular num canto lá jogou [...] a bateria num



outro lugar, acharam a bateria daí acharam a carga, foi. Descobriu que foi ele, ficou por isso mesmo no outro ano ele já não foi mais. (CUNHA FILHO, 2018, p. 2)

É interessante observar a tensão gerada pelo roubo de um celular. Se a romaria se nomeia como "amigos", esse tipo de situação só poderia ser causada por elemento externo ao grupo, como ressaltou seu organizador. No entanto, como o ladrão do celular possuía relações de amizade com outras pessoas do grupo, ele foi perdoado e "ficou por isso mesmo". A punição foi a interdição de retornar ao grupo. Assim, tal como posto por Bauman na comunidade em que todos se entendem e se reconhecem, a segurança é fundamental: "nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir – mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui" (BAUMAN, 2003, p. 7).

Em 2018, a importância das tecnologias, como o celular, alterou a forma de registro da romaria. Antes, o registro era limitado ao uso das máquinas fotográficas sob posse de poucos. Com o uso de novas tecnologias, os romeiros realizam inúmeras fotografias e vídeos da romaria em tempo real, compartilhados com os familiares que ficam em São José dos Campos, por aplicativos de mensagens. No entanto, apesar dos celulares e da vinculação com o moderno, a reinvenção da tradição, por meio da dramatização do tropeiro, é relevante como identidade do grupo de amigos.

As roupas utilizadas são simples e se resumem às "traias": equipamentos de montagem e cavalgada; botas de couro ou botinas curtas, na altura do tornozelo; chapéu; camisa de material simples; capa de couro para proteção da chuva; calça jeans resistente à cavalgada; cinto de fivela, também fazem parte da reinvenção das identidades. A Imagem 7, uma fotografia de 2008, apresenta alguns dos objetos portados na romaria pelos romeiros do Cajuru. O sr. José Pinto da Cunha Filho, na entrevista realizada em 2018, esclareceu que as "traias" os acompanham desde as primeiras romarias.



Imagem 7 – Parada da romaria - as traias.



Fonte: Acervo pessoal de Cunha Filho (2008).

O sr. José Pinto da Cunha Filho conta que a contemplação da natureza também faz parte do trajeto. Diferentemente da maneira como o tempo é pensado hoje, o tempo da observação é fundamental para conhecer o mundo. As rotas e as paradas para descanso e alimentação são momentos de calmaria e reflexão externalizadas pelos pedidos e orações.

Na chegada a Aparecida, o contentamento pela superação do trajeto a cavalo emociona os romeiros, que, após deixarem os cavalos em área destinada a isso, seguem em direção à Basílica de Nossa Senhora Aparecida. Lá, participam da missa em que, geralmente, o padre exalta a presença dos romeiros de diferentes partes do Brasil, os saúda pela coragem, esforço e, sobretudo, pela fé em Nossa Senhora Aparecida. Após a missa e circulação pela Basílica, já no final da tarde, os romeiros partem de volta para São José dos Campos. Nos últimos anos, o sr. José Pinto da Cunha Filho tem organizado a volta de Aparecida de carro. Para tanto, há o rateio entre os romeiros dos custos de transporte e dos animais também. Os cavalos são transportados de Aparecida até São José dos Campos de caminhão. A volta é marcada pela esperança dos romeiros de retornarem no próximo ano, recomeçando o ciclo de preparação.

Na romaria dos Amigos do Cajuru percebe-se, então, que quanto mais próximos estão os membros do grupo da perspectiva do catolicismo rústico, mais



harmoniosas são suas relações internas. A romaria, como teatralização da fé, mantém a união do grupo. Ela é o instrumento que concede o sentimento de pertencimento, suporte fundamental para a construção da identidade coletiva e da coesão social diante dos estímulos externos, impostos pela vida na cidade, marcada pelo cosmopolitismo imposto pela tecnologia aeroespacial e pelas múltiplas empresas transnacionais. A busca pela comunidade, feita pelo grupo de Amigos do Cajuru, remete a Bauman (2003, p. 7), quando define a comunidade como "um lugar confortável e aconchegante [...] um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado". Em toda organização de bairro com fortes traços de ruralidade, a romaria parece oferecer segurança ante a emergência da fluidez das relações. Dessa forma, considera-se que o grupo de romeiros do Cajuru aposta na comunidade de fé como locus de sociabilidade e fixação identitária no contexto da cidade de São José dos Campos, modificada estruturalmente nas últimas guatro décadas por processos de financeirização e internacionalização da economia.

Conclusão

O presente trabalho, realizado com base em uma pesquisa de campo no bairro Cajuru em São José dos Campos, objetivou observar as motivações e os processos sociais desencadeados em uma romaria à cidade de Aparecida no século XXI. Derivada de resquícios do catolicismo rústico, a romaria do Cajuru se vale da memória, apoiada em outros tempos históricos, como forma de manutenção da coesão do grupo. Considera-se que a influência dos tropeiros de antanho no processo de crescimento da devoção a Nossa Senhora Aparecida foi determinante para a preservação da romaria e de tudo a ela atrelado.

Há indícios de que a forte religiosidade caipira, presente no Vale do Paraíba, também influenciou a popularidade da imagem. Os caipiras, com sua fé "simples" e pautada na natureza, no medo, na esperança e na devoção, encontram



em Aparecida a figura que os representa e que atende à oração de todos e a todos protege. Os traços ainda presentes da religiosidade caipira encontram-se nas expressões de fé. A devoção que leva milhares a percorrer imensas distâncias a pé, de bicicleta, de joelhos, leva a esses fiéis um pouco daqueles tropeiros que viajavam por longas distâncias sob a proteção de Nossa Senhora, fazendo parada na casa de Aparecida.

Unido às influências da tradição da tropeiragem e da tradição caipira, vinculado ao catolicismo rústico, o bairro do Cajuru apresentou elementos significativos para refletir sobre as romarias do século XXI. Vinculadas ao turismo religioso, a romaria organizada pelo sr. José Pinto da Cunha Filho representa a reinvenção da tradição de deslocamentos de fé rumo a Aparecida, estimulados pela fé cristã na santa e pelo espírito de comunidade que busca, na identidade do grupo, a segurança no mundo atual, passível de experimentação e de mudança, de caráter não definitivo, em que o seu sentido é construído continuamente ao longo da vida.

Referências

ALMEIDA, Aluísio. Vida e morte do tropeiro. São Paulo: Leme, 1971.

ALVAREZ, Rodrigo. Aparecida. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Ltda., 2017.

ANDRADE, Daniel de; SOUZA, Adriane Aparecida Moreira; GOMES, Cilene. Análise temporal da expansão urbana nos municípios do Vale do Paraíba Paulista. Mercator, Fortaleza, v. 1, p. 1-15, abr. 2019. Disponível em: https:// www.scielo.br/pdf/mercator/v18/en_1984-2201-mercator-18-e18005.pdf. Acesso em: 19 set 2020

APARECIDA. História do Santuário Nacional. A12, Aparecida. Disponível em: http://www.a12.com/santuario/santuario-nacional-de-nossa-senhora-aparecida/. Acesso em: 21 ago. 2018.

APARECIDA. Início das comemorações de Nossa Senhora Aparecida. A12, Aparecida. Disponível em: https://www.a12.com/santuario/festa-da-padroeira/ historia-do-dia-12-de-outubro-1. Acesso em: 02 out. 2019.



BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2003.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças dos velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

CALDEIRA, João Netto. Álbum de São José dos Campos. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul. 1934.

CAMINHOS DA FÉ. Características dos ramais. Associação dos Amigos do Caminho da Fé-AACF, Águas da Prata. Disponível em: https://caminhodafe.com.br/ ptbr/caracteristicas/. Acesso em: 09 set. 2019.

CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. Campinas: Unicamp. Editora do Instituto de Economia, 2007.

CUNHA FILHO, José Pinto da. [Entrevista cedida a] Ana Maria da Cunha Rosado, 14 nov. 2018.

CUNHA FILHO, José Pinto da. A chegada a Aparecida/SP. 1. fotografia. 2010.

CUNHA FILHO, José Pinto da. Parada da romaria - as traias.1. fotografia. 2008.

CUNHA FILHO, José Pinto da. Saída do pouso para a romaria, Cacapava/SP. 1. fotografia. 2018.

FRANCO, Carvalho. Bandeira e bandeirante de São Paulo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens livres na ordem escravocrata. São Paulo: Ática, 1969.



GABRIEL, Sônia. Mistérios do vale. São José dos Campos: JAC, 2006.

GOFMANN, Erviring. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOOGLE MAPS. Trajeto da romaria: da Avenida José Pinto da Cunha a Aparecida, 2020. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/dir/Apareci da,+SP/Av.+Jos%C3%A9+Pinto+da+Cunha+-+Parque+Res.+Flamboyant,+S% C3%A3o+Jos%C3%A9+dos+Campos+-+SP/@-23.0314311,-45.8227773,10z/ data=!3m1!4b1!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x94ccc35d46e8364b:0x84328e c5b5a92a5c!2m2!1d-45.2316652!2d-22.8469023!1m5!1m1!1s0x94cc4b 157f82593b:0x8f61c5d88a32bee5!2m2!1d-45.8485533!2d-23.2177353!3e2. Acesso em: 19 set 2020

GRINGS, Almiro José. Documentário: Caminhos da fé, 2017. Disponível em: http://caminhodafe.com.br/ptbr/. Acesso em: 10 set. 2019.

HALBWACHS, Maurice, A memória coletiva, São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. Disponível em: ht tps://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 20 ago. 2019.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Unicamp, 1990. Livro digital. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4594598/mod_ resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 34, p. 9-23, 1992. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70497/73267. Acesso em: 19 set. 2020.

MINTZ, Sidney Wilfred. Encontrando Taso, me descobrindo. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 45-58, 1984.



NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto* História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, José Oswaldo Soares; GOMES, Cilene. Introdução à urbanização contemporânea: espaços e paisagens na Região do Vale do Paraíba (SP). In: COSTA, Sandra Maria Fonseca; MELLO, Leonardo Freire (Orgs.). Crescimento urbano e industrialização em São José dos Campos. São José dos Campos: Integraf, 2010. p. 33-66.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Sociologia - O catolicismo rústico no Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo. n. 5, p. 104-123, 1968.

ROSADO, Ana Maria da Cunha. A festa do Divino do bairro Cajuru, São José dos Campos/SP. 2018. 1. fotografia.

ROSADO, Ana Maria da Cunha. Bairro Cajuru, São José dos Campos/SP. 2018. 1. fotografia.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. Plano de desenvolvimento sustentável, 2016. Disponível em: http://servicos2.sjc.sp.gov.br/media/694497/plano_de_desenvolvi mento_rural_sustentavel.pdf. Acesso em: 02 out. 2019.

SARTORI, Maria Ester de S. R. Entre tempo, memória e história se constroem as narrativas do passado. São Paulo: Itaú Cultural, 10 abr. 2018. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/entre-tempo-memoria-e-historia-se-constro em-as-narrativas-do-passado. Acesso em: 17 jun. 2020.

STEIL, Carlos. Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003. p. 29-52.

TEIXEIRA, Renato. Romaria - A história da música símbolo do caipira - Renato Teixeira, 9 out. 2017. Disponível em: http://almanaquetaubate.com.br/index.



php/2017/10/09/romaria-a-historia-da-musica-simbolo-do-caipira/. Acesso em: 20 abr 2018

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. História Oral, São Paulo, n. 5, p. 9-28, 2002. Disponível em: http://revista.historiaoral.org.br/index.php? journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47&path%5B%5D=39. Acesso em: 19 set. 2020.

VIDAL, Laurent. A gênese dos pousos no Brasil moderno. Considerações sobre as formas (urbanas) nascidas da espera. Tempo, Niterói, v. 22, n. 40. p. 400-419, maio/ago. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pi d=S1413-77042016000200400&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 abr 2020

VIEIRA, Valquiria. Veja como organizar uma romaria a Aparecida (SP). A12: Santuário Nacional de Aparecida, 2009. Disponível em: https://www.a12.com/ santuario/noticias/como-organizar-uma-romaria-a-aparecida-sp. Acesso em: 09 set. 2019.

> Recebido em: 14 de março de 2020 Aprovado em: 24 de julho de 2020